



MULHERES NA DÉCADA DE 1920: APROXIMAÇÕES ENTRE BELÉM E RECIFE

WOMEN IN THE 1920S: APPROACHES BETWEEN BELÉM AND RECIFE

Natalia Conceição Silva Barros Cavalcanti *

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA

<https://orcid.org/0000-0002-4678-2779>
natalia.cavalcanti@ifpa.edu.br

Raimundo Nonato de Castro **

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA

<https://orcid.org/0000-0002-0687-9197>
prof.nonatocastro@gmail.com

RESUMO: Os anos de 1920 produziram profundas mudanças na sociedade brasileira. Primeiro em decorrência das modificações urbanas que levaram a alteração do espaço urbano. Em segundo, a maneira como os homens passaram a ver o comportamento social das mulheres. Por sinal, elas se destacavam, na medida em que passaram a frequentar os espaços antes considerados masculinos. Desafiaram os homens em diversos momentos, seja nas redações de jornais e revistas, seja na realização de atividades consideradas perigosas, como as lutas de boxe ou o salto de paraquedas. As mulheres passaram a questionar a estrutura social. Contudo, nas páginas dos magazines a escrita dos homens imperava sobre como as melindrosas e senhorinhas deveriam se comportar. Numa perspectiva qualitativa e que se utiliza da abordagem presente nos estudos de gênero, nossa pesquisa debruçou-se sobre matérias, ilustrações e crônicas da imprensa de Recife e Belém nos anos 1920 com recorte na história das mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Melindrosas; Belém; Recife; mulheres.

ABSTRACT: The 1920s produced profound changes in Brazilian society. First, due to the urban changes that led to the alteration in urban space. Second, the way men began to see women's social behavior. By the way, women stood out, as they began to frequent the spaces previously considered masculine. They challenged men several times, whether in newspaper and magazine newsrooms, whether in performing

* Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará- IFPA, onde atua no PROFEPT- Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica e na Licenciatura em História do Campus Belém, na Especialização em Tecnologia Social em Saneamento, Saúde e Meio Ambiente na Amazônia e em cursos do Ensino Médio Integrado ao Técnico. Professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional PPGEP-IFRN.

** Doutorado em História pela Universidade Federal do Pará (2018). Atualmente é professor de história (ebtt) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. Coordenador do curso de licenciatura em História do IFPA - Campus Belém.

activities considered dangerous, such as boxing matches or the jumping of parading. Women began to question the social structure. However, in the pages of the magazines the writing of men prevailed over how the squeamish and little ladies should behave. From a qualitative perspective and using the approach present in gender studies, our research focused on the subjects, illustrations and chronicles of the press of Recife and Belém in the 1920s with a cut in the history of women.

KEYWORDS: Melindrosas; Belém; Recife; women.

A imprensa dos anos 1920 foi testemunha de uma transformação nas relações entre homens e mulheres no espaço urbano. Não apenas registrando essas mudanças, como foi uma importante promotora na redefinição dos papéis de gênero. Ao selecionar e publicar determinadas práticas e ao propalar certos discursos jornais e revistas de Belém e Recife foram vitais na cristalização de imagens do feminino e do masculino, algumas repetidas incansavelmente pela própria historiografia, como a “melindrosa” e o “almofadinha.” Imagens perigosas por, em geral, levarem ao obscurecimento da experiência histórica de homens e mulheres, impondo mesmo “uma tirania de essas imagens que a consciência projeta sobre nós mesmos” (MARTIN, 2001, p. 232, tradução nossa).

Contava boa parte da imprensa com a atuação de intelectuais egressos da Faculdade de Direito e Medicina. Considerados lugares privilegiados das discussões da época. Gilberto Freyre, Assis Chateaubriand, José Lins do Rêgo, Mario Melo, Joaquim Pimenta, Austro Costa, Joaquim Inojosa, Anibal Fernandes, Valdemar de Oliveira e muitos outros no Recife (REZENDE, 1999, p. 26). Em Belém nomes como Edgar Proença, Bianor Penalber, Bruno de Menezes, Adalcinda Camarão, Alcides Santos, João Afonso do Nascimento, Andreilino Cotta se faziam presentes nas redações dos jornais e revistas (CASTRO, 2018). Eram articuladores da imprensa dessas cidades nos anos vinte. Aliás, esta foi a época das revistas ilustradas, de jornalistas com máquinas fotográficas Kodak em mãos interessados em registrar os flagrantes e instantâneos do cotidiano das cidades e de sua população.

As cidades brasileiras mantinham a tradição de uma imprensa ativa e polêmica que acompanhava a movimentação social e cultural (REZENDE, 1999). Nos jornais e revistas haviam espaços com destaque para crônicas sociais, humor, embates políticos, anúncios de cinemas e teatros. Tornaram-se fontes não só por serem registros de aspectos da vida social, desde as frivolidades da moda até as reações às cenas ousadas do cinema, mas também por serem instituintes de subjetividades.

Vale ressaltar que diversos autores abordaram esses temas, de acordo com a sua perspectiva e olhar que muito contribuíram na construção deste artigo. Roger Chartier

(1990) destaca que as representações são matrizes de discursos e de práticas diferenciadas, que têm por objetivo a construção do mundo social. Assim, investigá-las supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrência e de competições, dentro de relações de poder. Por isso, nas cidades as representações, especialmente aquelas ligadas aos ideais de modernidade, ganhavam espaço nos magazines. Percebemos que a convivência entre os valores ditos modernos e os chamados tradicionais não foi exclusividade da política e da economia. A imprensa do período evidenciou o conflito entre esses posicionamentos nas discussões sobre as mudanças nas condutas femininas. Diante da variedade de questionamentos, experiências e linguagens as cidades passaram a sintetizar, por seus intelectuais, que os responsáveis pela “suposta” corrosão da ordem social e a quebra de costumes, eram as inovações nas rotinas das mulheres e, principalmente, as modificações nas relações entre homens e mulheres.

Maria Fernanda Bicalho (1989) observa que na transição do século XIX para o século XX, a inserção do Brasil na “era capitalista” gerou profundas transformações nas esferas econômica, política e no plano social. Colocou as mulheres cada vez mais em contato com a esfera pública. Na condição de consumidora de bens materiais e culturais que lhe haviam sido até então inacessíveis. Para a autora, a rápida urbanização de alguns centros expressivos no intercâmbio econômico e político do Brasil com o exterior, permitiu às mulheres escaparem do confinamento físico e mental a que se viam obrigadas, e restritas ao universo doméstico. Importante acentuar que esse contato com o exterior, principalmente através do consumo de bens culturais como imprensa e literatura, cinema etc., transformou não apenas as condições materiais de sua existência, como fez com que desenvolvessem novos ideais e novas aspirações.

MELINDROSAS E ALMOFADINHAS: MODOS DE VISIBILIDADE EM BELÉM E RECIFE

Os cronistas sociais das revistas e jornais estavam sempre atentos às práticas sociais de homens e mulheres que ousaram construir histórias de vida até radicalmente diferentes das de seus antepassados. Elio, colaborador da Revista *Mascote* de Recife, era um deles. Provavelmente, não perdia nenhum chá-dançante, nenhuma tarde na Rua Nova e estava sempre presente nos teatros e cinemas. Sua coluna “Vida Frívola” publicava aspectos do cotidiano da cidade de Recife e se encarregava de ir construindo “os fatos” para uma parcela da população. É ele que nos conta que na noite de estreia da “Companhia

Viriato”¹ no Teatro do Parque ouvia-se um remelexo nas cadeiras, uma inquietação por parte de alguns rapazes, e que o *zumzumzum* na plateia era grande. Isto porque, minutos antes, estes rapazes tinham olhado para o terceiro camarote à sua direita e visto algo que para alguns deles era inadmissível: Senhorinha em seu vestido róseo não estava com os longos cabelos a orná-la. Comentavam que, certamente por isso, há tempos procuravam por ela na plateia e não a avistavam. Era mais um vulto ignorado aos olhos de tantos que a buscavam. Além disto, os cabelos de Senhorinha, que eram escuros, estavam agora quase louros. Os ohs! proliferavam no teatro. Segundo conta, a maioria achava que ela agora estava muito mais graciosa: “Oh, mil vezes, de cabelos cortados e quase loura! Ideal!” No entanto, havia os mais resistentes aos imperativos da moda que gostavam mais quando os seus cabelos eram “longos, dispersos sobre os ombros e pareciam negros como a asa da graúna” (MASCOTE, 1924). E a polêmica continuava entre os comentadores do círculo.

Em Belém, a figura presente nas festas e chás era Edgar Proença, um verdadeiro amante das noites boemias da cidade. Foi o diretor da revista *A Semana*, intitulada revista ilustrada, uma das mais importantes da capital do Pará. O magazine se destacava por contar os principais eventos sociais. Proença assinava a coluna “Gravetos”, com pseudônimo de Miracy. Ao escrever sobre os bailes carnavalescos afirmou que traziam para a elite paraense a felicidade, porque no salão “feérico”, impregnado de doces vertigens, os rapazes e as formosas “girls amam ...”, e com os acertos dos proprietários, muita gente devia aos bailes sua primeira aventura. Justamente naquele “ambiente encantado” se tem originado muitos contratos matrimoniais e, talvez, “tenhamos a anotar mais uns casamentinhos na atual safra carnavalesca” (A SEMANA, 1929).

Ainda sobre Belém. Os bailes eram os lugares ideais para que as mulheres exibissem o seu novo visual. Quando cortavam os cabelos então: “Madame ficou, porém, mais encantadora”. Nas narrativas dos magazines muitas senhoras e senhorinhas cortavam os cabelos com certa oposição dos seus esposos e pais. No caso de “certa madame” que ao chegar em casa “hontem, já ‘rasée’” provocou um alvoroço e o opositorista “ainda entrou a cortar, carinhosamente, a penugem que sombreava o belo pescoço de madame e que o artista, negligentemente, esquecerá de fazer” (A SEMANA, 1924). A narrativa de espanto e colaboração reforça a tese de que muitas mulheres, seja no Norte ou Nordeste, fossem

¹ No final de 1924, entre os meses de outubro e novembro, chegava a Recife a “Companhia Brasileira de Comédias”, dirigida por Viriato Correa, com 17 atores e atrizes e 8 assistentes. A companhia montou grande e escolhido repertório, com 22 peças, todas encenadas no Teatro do Parque. Para mais informações sobre a permanência desta Companhia no Recife, consultar: COUCEIRO, Sylvia Costa. *Artes de viver a Cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920*. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003, p. 100.

casadas ou solteiras passaram a tomar decisões cada vez mais polêmicas, sem necessariamente pedir autorização dos seus maridos ou pais.

A narrativa chama atenção para os debates que se seguiram, na medida em que a madame encantadora é questionada “Por que não cortou há mais tempo seus cabelos?” Receava que “murmurassem, que censurassem, tinha medo da ... tesoura...”. O cronista concluiu afirmando que as mulheres já não tem cabelos longos, a maioria cortou-os e se bem que cause certo pesar “ver decepadas cabeleiras de indescritível beleza”, em todo caso, “confessava que uma cabeça redonda, de cabelos crespos”, que dá à elas um ar “*gaminé*” faz tudo esquecer, mesmo aquele tesouro, que ela sacrificou só para avançar mais um passo à frente e no “*match*” da vida, ir ombreando com o “sexo oposto, seu eterno rival mais confessado escravo” (A SEMANA, 1924).

Considerando o papel desempenhado pelas melindrosas, vários conselhos eram lhes atribuídos pelos homens. Caracterizando-as como elegantes. Destacavam que “o pudor, que nas sociedades civilizadas, é a aureola brilhante que envolve a mulher, tornando-a quase divina”, perdia espaço, na medida em que “já vai sendo considerado uma antigualha”. A maneira como as mulheres eram vistas, de respeitáveis, passavam aos olhos dos homens a ter outra visão. As “nossas moças, outrora tão tímidas, tão ingênuas, tão meninas, tem o estranho capricho de parecer o que elas, mercê de Deus, nunca serão”, pois imitavam as ousadas heroínas dos cinemas, esquecendo que as atrizes americanas eram um produto de exportação. E mesmo que fossem reais, não poderiam imitá-las, porque era muito diversa “a educação dos dois povos” e “muito profunda é ainda a diferença das duas raças”. A coluna “A Vida Fútil” concluía questionando “Tudo porque?” Assim, procedem, não por inclinação natural, não porque se sintam bem nesse meio “tão contrário às tradições da família brasileira”, mas unicamente por *snobismo*, para aparecerem suficientemente elegantes, e não perderem o direito de figurar no “glorioso” cortejo dos “trezentos de Gedeão” (A SEMANA, 1924).

A escrita dos homens sobre as mulheres destacava-se cada vez mais. Por isso, quando voltamos atenção para Gilberto Freyre sabemos que teve encontros com várias mulheres nos Estados Unidos. Elas que não apenas ultrapassavam o estereótipo da dona de casa e mãe, como também lutavam pela igualdade de direitos políticos entre homens e mulheres. Direitos como o voto. Mulheres como a Doutora Anna Shaw, que segundo Freyre era grande oradora, fazia da sua vida um apostolado, buscando garantir os direitos das mulheres. Conta Freyre que no início de 1919, na Universidade Baylor onde estudava, esta sufragista fez uma palestra argumentando que os Estados Unidos não seriam uma

democracia enquanto as mulheres não votassem. Na plateia, provavelmente de olhos bem arregalados e ouvidos atentos Freyre escutava Doutora Shaw enfaticamente discursar: “Por que é que o homem vota? Por que é homem? Não. Porque é um ser humano, pensante. Também o é a mulher. A única maneira de refutar o argumento a favor do direito de voto das mulheres é provar que elas não são gente” (FREYRE, 1924).

A maneira como o discurso foi construído demonstra a forma como a Doutora Shaw contribuiu com o pensamento de Freyre. No entanto, diversas críticas circulavam nas páginas dos jornais e revistas. Demonstrando de forma direta a manifesta participação dos homens na construção de narrativas contrárias aos modelos seguidos pelas mulheres dos anos de 1920. Voltemos assim a questão de Senhorinha em Recife: Será que notou todo rebuliço que seu novo visual provocou? Por que será que resolveu cortar os cabelos? Terá sido o calor ou realmente havia cedido as imposições da moda? Não temos como saber. No entanto, sabemos que ela era moça muito observada, certamente por sua beleza, o que atraía os olhares curiosos. E justamente através destes curiosos rapazes sabemos que Senhorinha gostava de passear pela Rua Nova acompanhada de sua irmã, dirigindo seu automóvel. Vale salientar que tomava chá na Confeitaria *Bijou* e nas quintas e domingos não perdia as sessões do Teatro Moderno. Nesta sua prática no espaço urbano, Senhorinha ia com longos cabelos soltos sobre os ombros. Mas, naquele dia, no Teatro Parque, não, ela os havia cortado e tornou-se só mais uma na multidão segundo o cronista Elio.

A Semana de Belém, em edição de 07 de junho de 1924, trouxe em suas páginas um conjunto de análise sobre a moda dos vestidos e dos cabelos. Na coluna intitulada “A vida fútil”, o título da matéria “os vestidos berrantes”, serviu para reafirmar o momento vivido na cidade de Belém. Na narrativa textual a moda de “agora” era toda “extravagante” apresentavam os figurinos que nos “mandam inovações, imediatamente adotadas pelas nossas graciosas patrícias”. O fato é que para o autor, veio a moda dos cabelos curtos “e todas foram ao cabelereiro, entregando à tesoura as madeixas, loiras ou não, que faziam o encanto dos namorados”. A população feminina “descabelou-se com censuras de uns e aplausos de outros”, inclusive de uma personalidade importante da sociedade paraense, o Padre Dubois², que “num artigo afirmou ser higiênica e elegante a medida” (A SEMANA,

² “Florence Dubois nasceu, no dia 12 de novembro de 1878 em Aix’ d’Aigillon, norte da França. Iniciou seus estudos no colégio dos Lassalistas de Bouges, e ingressou no seminário Menor do Barnabitas, aos 15 anos. Formou-se bacharel em Retórica na Sorbonne de Paris aos 19, e ordenou-se sacerdote aos 19, no dia 10 de março de 1902, em Bruxelas. Sua primeira visita ao Brasil aconteceu aos 25 anos. Em 1905 o religioso chega ao Pará, lugar em que desejava continuar o trabalho missionário no município de Gurupí, que faz divisa entre o Pará e o Maranhão. Na chegada, Padre Dubois conhece a aldeia dos índios Tembés do Alto-Guamá, Bragança e depois o Rio de Janeiro, onde realizou a fundação dos Barnabitas na então Capital Federal. Em outubro do mesmo ano, Padre Dubois se junta à comunidade de Nazaré. Belém se

1924). A grande questão residia, em saber: quem eram as mulheres que frequentavam o cabelereiro? Possivelmente as moças abastadas, na medida em que se tratava de um serviço especializado e que requeria certo pagamento.

A questão dos cabelos era tão forte, que no dia 8 de junho de 1924 o jornal *O Estado do Pará* publicou a caricatura de Andreilino Cotta. Com o título de “A moda e o ba-ta-clan” mostrou a forma como os cabelos foram apresentados. Amarrados nas mulheres adultas e curto na criança. Isso demonstrou o avanço da moda que definia o comportamento social a ser seguido nos anos vindouros. A imagem a seguir expressa uma série de elementos importantes para se compreender o período.

Figura 1. ESTADO DO PARÁ. *A moda e o ba-ta-clan*. Belém, 8 jun. 1924, p. 1.



Andreilino Cotta, caricaturista do periódico e da revista *A Semana* apresentou elementos centrais neste debate: primeiro enfatizou os vestidos; em seguida focou nos cabelos. Além de apresentar o papel desempenhado pelos barbeiros que atendiam, segundo a representação, apenas mulheres. Percebe-se a maneira como as jovens estavam inseridas

tornara o seu grande destino, escolhido para desenvolver suas atividades pastorais, interrompidas em 1915, período em que fora convocado para servir no *front*, como capelão e padioleiro (maqueiro) na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), durante quatro anos.” Religioso muito popular no Estado. Bispos de vários estados do País o convidavam para conferências, pregações e retiros. Vigários dos mais distantes lugares faziam questão de sua presença para presidir festas de santos e ouvir suas reflexões. Escreveu ativamente nos periódicos e semanários da época. Faleceu em Paris em 11 de outubro de 1964. Informações disponíveis em: <http://mosqueirando.blogspot.com.br/2013/05/janelas-do-tempopadredubois.html>. Acesso em: 19 fev. 2018.

no circuito da moda na região Norte. Há uma longa fila, enquanto, gradativamente o barbeiro reduz o comprimento dos cabelos das senhoras, senhorinhas e crianças. Ao olharmos as jovens na fila, vemos que aguardam o momento com riso. Por seu turno, a senhora e a criança aparentam não estarem satisfeitas com o tipo de corte. Ora o riso, pode representar diversas situações. Contudo, acredita-se que as senhorinhas riem da senhora e da criança, que se mostram desconfortáveis com a situação provocada pelo corte de cabelo. Soma-se a isso os vestidos usados por ambas, apesar de longos, já não tem as mangas para cobrir os ombros da senhora que num gesto de absoluto descontentamento frange a testa.

Contudo, a figura de Zé construída por Cotta observa na surdina essa novidade. Atrás da cortina manifesta-se sobre as inovações trazidas pela moda: “Já cortaram as saias... já cortaram as mangas... vamos ver agora se depois dos cabelos “elas” ainda tem alguma coisa p’ra cortar!...” O que mais a moda importaria ao cotidiano das mulheres? E, claro, o caricaturista não perderia a oportunidade para manifestar-se sobre essas novidades.

Vale ressaltar que a cena apresentada por Cotta, mostra-se como num teatro. Há uma cortina entre o primeiro momento, representado pela senhora e a criança, e o segundo, pelo barbeiro que realiza seu ofício. A cortina está aberta. Permite ao observador compreender a ação desenvolvida no palco. Existe na cena uma cadeira, um espelho que são utilizados para a prática do profissional. Em seguida, vê-se ao menos três cadeiras servindo para as senhorinhas aguardarem a vez de ter os cabelos encurtados. O piso de madeira mostra que havia um padrão da construção, haja vista que na maior parte dos estabelecimentos comerciais da cidade de Belém, os pisos eram de madeira da região, como o acapu e o pau amarelo.

O Zé é apresentado por Cotta como um sujeito curioso, destaca-se também como um símbolo da maneira como os homens viam o comportamento das mulheres brasileiras. Abre parte da cortina e visualiza as mulheres no momento do corte, quanto ao saírem entristecidas com seu novo cabelo. A personagem olha para os observadores e dialoga com eles, os questionamentos, são dirigidos aos compradores do jornal. Os leitores são o alvo das perguntas do Zé e do Cotta. O leitor recebe a senhora e a criança. Ambas de mãos dadas, numa atitude de assegurar a “confiança” na saída do estabelecimento. Ela ainda carrega na mão direita um leque que servia para amenizar o calor, mas também para esconder o rosto diante de algum conhecido.

No Recife os cabelos cortados tornaram-se alvo de olhares e comentários. Parece que fosse de cabelos longos ou curtos, Senhorinha e tantas outras moças dos anos vinte não deixaram de provocar comentários. Certamente muitos ohs! foram ouvidos quando ela

e muitas outras nesse período passaram a primeira vez dirigindo um automóvel pelas ruas centrais da cidade; provavelmente também muitos ficaram perplexos quando notaram que as mademoiselles estavam indo sozinhas às sessões de cinema no Moderno, no Helvética ou no Parque. Portanto, os ohs! destacados pelo cronista social da Revista *Mascote* eram muito comuns nesta época, em que as mulheres se tornavam frequentadoras mais assíduas do espaço urbano.

Assim, as crônicas, artigos e notícias da imprensa com suas narrativas sobre o cotidiano feminino, são importantes para pensarmos quais práticas das mulheres ganharam visibilidade, como foram narradas, que debates suscitaram e ainda como estes discursos lhe imputaram gênero e corpo, como materializaram um modelo de feminilidade para os anos vinte.

Fato importante desenvolvido pelas revistas *A Pilhéria*, *Mascote*, *Cinema* e *Mensário Paramount*, no Recife ou mesmo *A Semana* em Belém, entendidas como práticas culturais, geraram em seus contemporâneos uma imagem da cidade e das mulheres, uma definição para aquele espaço urbano, certamente muito mais heterogêneo e fugidio aos conceitos do que nos fazem crer. No entanto, é importante acentuar ainda que não entendemos o ato da leitura como um ato passivo, ao contrário, entendemos a leitura como ação em que os sujeitos, longe da passividade, interferem e recriam aquilo que foi lido. Mas pouco poderemos dizer sobre o processo de subjetivação do período. Nossas fontes são excelentes para percebermos as representações e escassas para discutirmos as apropriações. De todo modo, as próprias práticas sociais evidenciadas pelos jornalistas, cronistas e memorialistas nos indicam como as mulheres e homens do período foram representados e como foram se construindo.

MULHERES E AS CIDADES: COMO AS NARRATIVAS CONSTRUÍAM SUA IDEALIZAÇÃO

Pode parecer **absurdo que a mulher se afaste de sua nobre missão na terra**, para abraçar uma **vida absolutamente incompatível à sua finalidade social** enveredando por um terreno em que o homem desenvolve essa grande atividade que tem elevado o mundo inteiro, em honra à mulher, o motivo mais forte de suas melhores conquistas.

Entretanto, o que se tem visto é a preocupação feminina de nivelar-se ao homem, de tornar-se tanto quanto ele, atirada aos mais violentos turbilhões da vida, **masculinizando-se, afastando-se de sua verdadeira missão** como se a natureza tivesse perdido, por um fenômeno, aquilo que sempre foi o seu maior segredo, base de seu equilíbrio. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1927, grifos nossos)

Discursos como estes entrecruzaram-se concorrendo na educação de homens e mulheres, procurando educar sua maneira de compreender as práticas femininas, pois, com as transformações das cidades e dos costumes, assim como os oratórios, as pesadas anquinhas e os carros de bois, a mulher prisioneira do lar foi gradativamente ocupando novos espaços. Permanecer apenas no lar, para a maioria delas era só uma questão de escolha e não mais de imposição. Por isso os articulistas precisavam refazer seus valores e conceitos sobre os lugares do feminino e do masculino no mundo, já que a distinção entre espaços privados-mulher/público-homem gradativamente sofria alterações modificando a função de organizar as relações sociais, de modo que quase não dava conta da complexidade das atividades dos sujeitos. E homens e mulheres do século passado se acusavam reciprocamente como os principais causadores do que chamavam uma intolerável corrosão dos costumes, afinal era um aprendizado sem dúvida muito árduo (MALUF & MOTT, 1998, p. 372). Portanto, os escritos de muitos homens das décadas do século passado ressaltando outro cenário nas cidades, com a presença das mulheres como protagonistas de muitas histórias, podem ser pensados também como um meio encontrado para organizar o turbilhão de acontecimentos que os visitavam. Para Durval Muniz Albuquerque Jr., os escritos dos homens da transição do mundo rural para o urbano falam, na verdade, da redução do poder das elites tradicionais (2000, p. 93). Pensamos que eles também falam do momento de construção de outras relações entre o masculino e o feminino. Falam de como os homens também foram se construindo enquanto tais nas cidades.

Cidades que cresciam, se reorganizavam, agradando a muitos, mas também despertando a insatisfação de outros, interessados em conservarem o que chamavam de pitoresco das cidades. Nas avenidas onde circulavam os automóveis, alguns homens e mulheres recordavam e sentiam saudade dos carros puxados por bois. Estes não haviam desaparecido totalmente, mas passavam a constituir reminiscência de um outro tempo. O vaivém dos autos e a correria das pessoas para atravessarem as avenidas centrais de Recife e Belém, certamente inspiraram muitas reflexões sobre o passado das cidades. Vejamos como Mario Sette via a Recife dos anos 1920.

Embora as estradas se ampliem e se modernizem, para nelas os automóveis tirem à vontade os seus cem e mais quilômetros, por elas ainda passam, vagarosos e prestadios, os carros de bois. [...] O automóvel, bonito, luxuoso, veloz, fracassa, às vezes, de repente numa encrenca de motor ou num caminho cheio de atoleiros. O carro de bois não. Vingam ladeiras medonhas; desembaraçam-se do barro pegajoso ou dos fofos de areia. [...] tem para uns a face da poesia, da tradição; tem,

para outros, o significado utilitário da confiança. Não falham, não se recusam, não traem (SETTE, 1987, p. 71).

Esse trecho acentua como a história dos homens e das mulheres é feita num ritmo cadenciado de permanências e mudanças (HOBSBAWM & RANGER, 1997). A modernização, tendo o automóvel como símbolo, não alija certas práticas tradicionais como os carros de bois. Costumes novos e antigos permeiam o cotidiano dos homens e mulheres. Sette (1987) também insinua através da figura do carro de boi, metáfora de uma época, como o novo inspira desconfiança, desperta o medo da traição. Mas as hesitações diante do novo não paralisaram os seus contemporâneos.

Isso ficou evidente no caso dos melhoramentos urbanos vividos nas cidades do Norte e Nordeste. As capitais passavam por profundas alterações, de modo que as ruas, ao ganharem novas simetrias, pareciam insolentes, agora para o jovem Gilberto Freyre, no Recife. Segundo ele, as alterações feriam os valores íntimos da paisagem, roubando-lhes o caráter, criando uma cidade nova, estranha e até hostil à primeira. Colorindo o tempo de sua infância na cidade ele constrói um Recife todo seu. Através de sua escrita aprisionava a cidade que se transformava. Assim como em muitas cidades brasileiras, tanto Recife quanto Belém assistiram à inauguração de vários melhoramentos o que de certo garantiu e proporcionou serviços públicos até então desconhecidos. Para se ter ideia, em 1923, ano da volta de Freyre (1924) ao Recife, após uma ausência de cinco anos, a maioria das ruas centrais da cidade não eram mais aquelas esburacadas que machucaram os pés do jovem Gilberto Amado, em 1905, quando do seu percurso da pensão do Forte das Cinco Pontas para a Faculdade de Direito, na Avenida Conde da Boa Vista (AMADO, 1955, p. 15).

Aberturas de avenidas, implementação de projetos de saneamento, embelezamento do espaço público e muitas outras transformações na infraestrutura e aspecto físico foram mudando as feições da cidade por onde caminharam Gilberto Amado e Freyre na infância, deixando-a com um “ar de civilização” como apregoavam políticos, jornalistas e escritores nas primeiras décadas do século XX. Essa modernização alterou não apenas a aparência física da cidade, mas também provocou profundas mudanças nos padrões de convivência dos seus habitantes (COUCEIRO, 2003). No entanto, ressalta Antônio Paulo Rezende (1999) que, no Recife da década de 1920, a força da tradição e das dificuldades econômicas impedem que a modernidade tenha a excitação e a velocidade das capitais europeias.

Vale ressaltar que nos casos de Recife e Belém, as imagens representativas dessas cidades foram reafirmadas nos livros e observações feitas pelos cronistas e viajantes. Estes, segundo Fábio Castro ao passarem por Belém, por exemplo, entre as décadas de 20 e 60,

descreveram diversos signos e códigos mostrando a cidade próxima dos padrões europeus. Ou seja, a representação de uma cidade com características modernizantes e europeizada, conservou-se ao longo dos anos. Por essa razão reafirmou o que denominou de “base mítica” sobre o período da economia da borracha na Amazônia.

A construção de um imaginário sobre a cidade de Belém, durante esse período chamou atenção para a maneira como ela foi representada. Adjetivos como “cidade moderna”, europeizada, Paris dos trópicos serviram para construir a representação que não passavam de “miragens modernas” (CASTRO, 2010, p. 60).

Não se pode esquecer, os intelectuais de Belém reforçavam esse ideal, para isso os jornais e revistas de circulação local e nacional levavam em seu interior imagens dos principais pontos da cidade como, por exemplo, o mercado do Ver-o-Peso, mas principalmente dos pontos religiosos como a Igreja de Nazaré ou mesmo a Catedral da Sé. O bosque da cidade e o Palácio do governo eram outros pontos importantes na representação dessa modernidade que envolvia não apenas a capital do Pará, como também as capitais dos estados brasileiros.

Vale ressaltar, a ideia de “modernidade” acompanhava os valores arquitetônicos empreendidos na cidade durante o chamado período da borracha, mas que ainda predominaram durante boa parte dos anos seguintes. Carregados de simbologias, conduziam o pensamento dos seus habitantes ao passado. Esse tipo de manifestação, para Jacques Le Goff, faz parte de uma construção de memória, na qual conservam-se certas informações as quais remetem a um conjunto de “funções psíquicas” (2013, p. 387), neste sentido, os homens atualizam as impressões e informações passadas ou que são representadas como tal.

Importa lembrar, nas páginas dos jornais de circulação diária, as imagens³ da “cidade moderna” eram reforçadas com o domínio das artes populares, segundo Hobsbawm, dominadas por um conjunto de forças “assim basicamente tecnológicas e industriais: imprensa...” (LE GOFF, 2013, p. 387). E como a região estava inserida no contexto internacional das relações comerciais em decorrência do seu principal produto, a Amazônia passou a exercer forte atração sobre artistas, pintores e companhias de artes.

³ Para Hobsbawm a “imprensa atraía dos alfabetizados, embora países de escolaridade de massa fizesse o melhor possível para satisfazer os semialfabetizados com ilustrações e história em quadrinhos, ainda não admiradas pelos intelectuais, e desenvolvendo uma linguagem muito colorida, apelativa e pseudodemótica, que evitava palavras de muitas sílabas. (...)”. HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 193). Neste caso, em países como o Brasil, a imprensa interessava a uma pequena elite que buscava mostrar, por meio deste recurso, uma relação entre o poder político e a ideia de modernização.

Deslocavam-se a fim de expor e apresentar seus trabalhos, o que proporcionou o surgimento de uma elite intelectual como, por exemplo, os críticos de arte.

Na década de 10 do século XX, a cidade “intelectualizada” reforçou ainda mais esse dinamismo com o surgimento de uma série de revistas de circulação semanal e/ou quinzenal. Debatiam as questões políticas, os assuntos cotidianos, como a moda, a literatura, o futebol entre outros. O cenário armado colocava na ordem do dia os magazines que seriam os primeiros em números de leitores e colaboradores. A quantidade de semanários publicados é relevante, pois a concorrência permitiu a sobrevivência daqueles que melhor se adequaram às necessidades dos leitores e financiadores. O fato é que nas páginas dos novos veículos de circulação estampavam-se as fotografias dos momentos *chics* das cidades brasileiras, como Belém e Recife.

Nos anos 20, por exemplo, a intensidade das caricaturas apresentou elementos dessas cidades marcadas pela fragilidade do ponto de vista da modernidade. Diversos problemas sociais passaram a ser evidenciados. A *urbe* necessitava de melhorias em diversos setores, como o saneamento e o abastecimento de água. Ressalte-se ainda a questão da segurança pública, bem como o sistema de transporte e iluminação, os quais não chegavam a todas as áreas das cidades. Melhorias eram necessárias e as reclamações evidentes. Os caricaturistas perceberam um momento extremamente rico para as suas produções e o lugar de divulgação foram as páginas dos magazines e jornais.

Figura 2. A Semana: revista ilustrada. Belém, 26 jan. 1924.



Muito embora as cidades fossem marcadas por uma sociedade heterógena, os tipos comuns não ganhavam espaço nas páginas dos periódicos paraenses. Quando o

estavam desfilavam nas secções destinadas aos problemas policiais. Em muitas situações foram representados como na imagem acima, ocupando profissões consideradas degradantes, como os vendedores de manga, descalços deveriam ter cuidado com a “nobre instituição”. Neste trecho prevalece o sarcasmo, pois o texto, juntamente com a imagem, nos possibilita entender a ironia presente na representação da guarda civil.

Os vendedores eram alertados de imediato: “cuidado, vós, que andaes vendendo mangas...” pois qualquer desvio os levaria à prisão. O alerta, neste caso, direcionava-se ao “povo” comum, para agirem com cautela e quando “Trastejou⁴, prisão...”. Na imagem, ganha força a altura do guarda, segurando o cassetete na mão direita reafirma o poder da instituição e seu próprio diante do povo comum, com a outra aponta o caminho a ser seguido pelos sujeitos, isto é, deveriam se afastar da área central da cidade. Nos deparamos, na representação com lavadeiras e vendedores de mangas, gente simples e descalços, mas necessários ao funcionamento da cidade. Assim como os carros de bois e carroças que contrastavam com os elementos dessa modernidade, no caso o automóvel.

Neste caso, significa dizer, os mecanismos de defesa da “civilização”, contaram com o recurso da violência, segundo Jean Starobinski, “O anticivilizado, o bárbaro deve ser posto fora de condição de prejudicar, se não podem ser educados ou convertidos” (2001, p. 33). Neste sentido, a representação de Andreilino Cotta demonstrou a necessidade de retirar os incultos e incivilizados das áreas centrais, proporcionando não apenas “um processo complexo de refinamento dos costumes”, mas de organização social, além da introdução de equipamentos técnicos, aumento de conhecimentos, contudo “se carregará de uma aura sagrada” (STAROBINSKI, 2001, p. 32). Observando as análises propostas por Starobinski, a palavra civilização quando adiciona ao seu termo o elemento considerado sagrado acaba por demonizar os seus antônimos, em especial, para acusar aqueles considerados inaptos a “civilização.”

No caso de Belém, os vendedores de manga não estão adequados à realidade vivenciada pela cidade dos anos de 1920. Não obstante, são conduzidos à marginalização. Contudo, observa-se que os sujeitos necessários à sociedade, em muitos aspectos, representam “O perigo interior”⁵ que uma vez considerado como elemento presente na

⁴ A palavra “trastejou” está diretamente relacionada ao ato de andar de um lado para o outro, ou mesmo cuidar de trastes ou objetos caseiros, ou ainda e o que melhor e se encaixa na representação, negociar em trastes, em coisas de baixo valor. (BORBA. 2011, p. 1381).

⁵ O termo “O perigo *interior*”, segundo Starobinski (2001, p. 39) foi capaz de tomar os aspectos das “Classes perigosas, e do proletariado, dos apaches e dos moicanos oriundos das grandes metrópoles industriais”. Importa destacar que em determinados momentos passaram a ser considerados como consequência de libertação dos instintos provocados pelos movimentos intelectuais de emancipação e de revolta. (Para saber mais ver: STAROBINSKI, Jean. 2001, p. 39).

sociedade exige, por parte, dos seus administradores uma resposta. Visava a proteção dos “valores sagrados da civilização” (STAROBINSKI, 2001, p. 40) obtém-se por todos os recursos e medidas possíveis, como o represamento, a proteção da ordem, pela educação, bem como pela propaganda.

MULHERES MODERNAS...HÁBITOS MODERNOS

As mulheres haviam adquirido novos hábitos e comportamentos, além de maneiras influenciadas pelas mudanças do período, principalmente pelas revistas do período, como a *Fon-Fon* do Rio de Janeiro, apresentando as mulheres modernas como praticantes de esporte. Eram vistas pelas avenidas da cidade, bem como iam aos bailes elegantes, participando ativamente de sua vida social. As suas atitudes provocavam espanto, principalmente nos homens. Os hábitos eram considerados avançados para o seu tempo, observa-se a quebra da hierarquia entre o público e o privado, na medida em que as mulheres circulavam sozinhas pelas ruas dos grandes centros. Para muitos, o correto seria o homem sair para o espaço público, enquanto as mulheres dedicavam-se às tarefas domésticas, contudo gradativamente essa postura foi sendo alterada e elas ganharam as ruas.

As novas atitudes das mulheres “modernas” estavam por inverter o *status quo*, pois ao ganharem o espaço público, saíam às ruas sem acompanhantes, faziam as compras sem os acompanhantes. O questionamento era comum, fazendo com que os homens desejassem o retorno das mulheres ao lar, ou seja, o retorno às tarefas antes estabelecidas. O receio maior residia no fato de que as senhoras passassem a ocupar o lugar dos homens na sociedade, as ideias de igualdade dos sexos começavam a ser debatido com mais força nos anos de 1920.

Fabiana Macena, em dissertação de mestrado, apresentando as mulheres cariocas, dos primeiros anos da década de 20, do século XX, na revista *Fon-Fon*, é enfática ao dizer que “As representações do gênero e da modernidade”, marcaram a construção das relações femininas a partir das “tensões, prescrições e ambiguidades”. Essas foram responsáveis por marcar a sociedade do período, justamente no contexto no qual se debatia a necessidade de inserção do país na “ordem mundial civilizada e moderna”, ao mesmo tempo era necessário “preservar algumas tradições vistas como alicerces da sociedade, dentre elas, a maternidade

e a domesticidade femininas” (MACENA, 2010, p. 121). Em outras palavras, fazia-se necessário mostrar às mulheres os seus deveres direcionados ao lar.

O discurso de uma sociedade “moderna”, na qual as mulheres ganhavam espaço, recorria às falas masculinas, o que por si autorizava o discurso como um elemento recorrente de construção de análise, visando colocar as representações femininas nas páginas dos jornais e revistas. Porém, mesmo no caso em que as narrativas eram construídas pelas mulheres, ficava evidente a necessidade do apoio masculino, as imagens representativas eram elaboradas e sofriam a “influência dos textos e construção dos homens” (MACENA, 2010, p. 106).

Eneida Costa de Moraes trouxe informação relevante do ponto de vista da vida das mulheres. Chamava atenção para a vitória do feminismo e do fortalecimento do “sexo oposto”. Isso ficou evidente nas artes, literatura, política e nos esportes, neste último, havia um “nome em evidência”, mas que não foi citado por Eneida de Moraes. Diante do novo quadro, muitos comentários e críticas recebiam. Contudo, havia coisa pior, pois a mulher havia deixado de usar smoking. A moda havia passado, mas “tremei cavalheiros”, uma criatura de cabelos morenos desafiou “aqui, nesta cidade pescadora”, todas as mulheres e todos os homens que duvidassem para um “match de box!” (MORAES, 1927).

Os jornais publicaram o desafio e garantiam: a moça era uma “boxeuseuse conhecida”. Eneida de Moraes afirmou ainda: a coisa era terrível, sendo o soco nas mãos masculinas um sinal de força, o que seria nas mãos femininas? Para tanto imaginou as unhas feitas numa elegante manicure dentro de luvas “grotescas de boxe”. Seria algo ridículo? Destacou Eneida Costa não saber, pois “ontem fumar, beber, cruzar as pernas, pintar as unhas era ridículo para as mulheres... hoje é *chic*, natural, comum...” por último aconselhou os amigos a precaverem-se, era necessário ter cuidado “vós, meus senhores”. Caso as mulheres resolvessem aprender os boxes, os homens viveriam “desmandibulados, coitados dos homens” (MORAES, 1927).

Já no Recife, numa tarde de sol e movimento intenso, dos muitos bondes deslocando-se para o subúrbio. Famílias inteiras apressadas chegavam ao Prado da Madalena, provalvemente duvidando do que tinham lido. Era 18 de setembro de 1927 e, em pleno verão, os ventos traziam novidade. Dentro e fora do Prado muitos automóveis parados. Os bondes não conseguiam chegar até o portão do Jockey Club, ficando estacionados na Praça João Alfredo. O policiamento foi mobilizado, afinal, ninguém gostaria que tanta festa acabasse em tumulto. Os quatro páreos de corridas de cavalos daquela tarde formam vistos sem o interesse habitual, pois as famílias presentes estavam

acostumadas, desde a virada do século, com o turfe e outros esportes ao ar livre como o ciclismo e a esgrima. A ansiedade na assistência aumentava, até que as 16 horas, no intervalo do terceiro para o quarto páreo, foram avisados que a atração inusitada logo começaria. Longe dos olhos da plateia, Mademoiselle Juliette Brille preparava seu pára quedas para amarrá-lo ao avião “Garoto”, do aviador Rolando.

Figura 3. Diário de Pernambuco. Mademoiselle Juliette Brille. Recife, 18 set. 1927. FUNDAJ.



Finalmente às 17 horas deu-se o “arriscado salto da morte”.⁶ A campeã sul-americana de salto em altura dirigiu-se ao avião se sentou ao lado do aviador Rolando. O “Garoto” ergueu voo, subiu e elevou-se cada vez mais acima do Prado. Afinal, de uma altura de 1.200 metros, a plateia de olhos fixos, comovida, viu precipitar-se no espaço, em queda, o corpo da senhorita, que abriu seu para quedas e começou a descer lentamente, acenando para a multidão. Depois de andar sobre as respectivas asas do avião e atirar-se no espaço, Mlle Brille foi aplaudida com entusiasmo por sua “arrojada proeza”, enquanto serenamente pousavam Rolando e seu aeroplano. Do alto, senhorita Juliette Brille

⁶ Este foi o título da matéria publicada no *Diário de Pernambuco* de 1927 conclamando todos da cidade a presenciarem o salto em altura da mademoiselle. *Diário de Pernambuco*. 18/09/1927. FUNDAJ. A descrição foi montada com elementos trazidos por esta matéria e a do dia 19/09/1927, que dava conta do desenrolar do evento.

certamente percebeu o entusiasmo das moças da cidade, talvez até a admiração, expressa naqueles atônitos olhos.

Há na narrativa de Eneida de Moraes a apresentação de elementos novos no cotidiano das cidades brasileiras, pois escreve diretamente do Rio de Janeiro, mostrando que as mulheres ganhavam destaque cada vez maior, embora em muitas situações ficasse evidente uma tentativa de questionar os valores do patriarcalismo, o qual em muitas ocasiões impediam as atividades das mulheres. Apresentando-as como as responsáveis pelas atividades domésticas. A questão é tão importante que, no mesmo número da *A Semana*, publicada em 15 de janeiro de 1927, o editorial trouxe como questionamento o título “Qual é a Rainha dos Empregados do Comércio?”, o objetivo foi o lançamento de um concurso, para que os frequentadores do comércio escolhessem a rainha dos empregados entres as moças adolescentes.

O texto, embora sem assinatura, mostrou alguns elementos curiosos. Afirmou ser a vida, como um todo, uma arte, e assim haveria de ser recompensada. Todos sabiam, segundo o texto, de “uma avultada falange de moças” se empenhando com seus esforços na “grande luta comercial”. Trabalhando no comércio, porque para muitas delas o “destino roubou o sonho de viverem em um constante colóquio com os espelhos, a olhar sempre das janelas os bondes e o sol...”. Fica evidente ser a narrativa escrita por um dos redatores que via as mulheres como sujeitas aos valores do patriarcalismo, pois, deveriam estar em casa embelezando-se para conquistar um marido. Ou seja, exerciam as atividades comerciais, não por vontade, mas por necessidade, pelo acaso do destino.

No entanto, diante desse constante debate que envolvia a ativa participação das mulheres nos mais diversos postos sociais, desafiando homens com sua maneira de se apresentar, enfrentavam as desconfianças masculinas, de modo que a escrita dos homens procurava destacar o lugar das mulheres como donas de casa, mães e responsáveis pela administração do lar (BARROS, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como intermediária e interventora social, a imprensa produziu concepções de masculino e feminino, apoiou certos modelos e ridicularizou outros que acanhadamente passavam a emergir. Esse movimento configurou-se através da veiculação de crônicas ou de noticiais. Outras vezes ainda, sob a forma de piadas, provérbios e quadrinhas, produzindo impactos diferenciados. Nestes espaços podemos compreender como os redatores das revistas ilustradas e dos jornais diários dos anos 1920 perceberam o gênero, a

moda e os valores simbólicos que foram sendo construídos para a representação de homens e mulheres. As cidades tornaram-se os espaços ideais de onde esses valores manifestaram sua contribuição e seu impacto.

Nas mesas de bares e cafés, os intelectuais de Recife e Belém reuniam-se para conversar e socializar as suas produções. Nestes lugares definiam as pautas e temas que deveriam ser publicadas nas colunas dos jornais e magazines. No caso de Belém, Edgar Proença demonstrava a forma como percebia o cotidiano da cidade e como representava nas suas crônicas homens e mulheres. Já no Recife, Eloy tinha a sua coluna aguardada de maneira ansiosa pelos seus leitores. Os textos destes homens eram aguardados com entusiasmos, na medida em que os textos se apresentavam como informativos e capazes de aglutinar opiniões, que demonstravam nas suas linhas o modelo de funcionamento das engrenagens sociais responsáveis por definir e valorizar o comportamento de homens e mulheres das cidades brasileiras dos anos de 1920.

REFERÊNCIAS

AMADO, Gilberto. **Minha formação no Recife**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1955.

ALBUQUERQUE, JR. Durval Muniz. “Limites do mando, limites do mundo. A relação entre identidade de gênero e identidades espaciais no Nordeste do começo do século”. In: **História: Questões & debates**, Curitiba, nº 34, Editora da UFPR, 2000.

A SEMANA. **A vida fútil**. Belém, 19 jan. 1924.

A SEMANA. **A Vida Fútil**. Belém, 26 jan. 1924.

A SEMANA. **A Vida Fútil**. Os vestidos berrantes. Belém, 7 jun. 1924

A SEMANA. **Hip! Hip! urrah o carnaval**. Belém, 9 fev. 1929.

BARROS, Natália Conceição Silva. **As mulheres na escrita dos homens**: representações de corpo e gênero na imprensa do Recife nos anos vinte. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

BICALHO, Maria Fernanda. “O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX início do XX”. In: BRUSCHINI, Cristina e COSTA, Albertina de Oliveira (Orgs.). **Rebeldia e Submissão**: Estudos sobre Condição Feminina. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1989.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A cidade Sebastiana**: era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade. Belém: Edições do Autor. 2010.

CASTRO, Raimundo Nonato de. **O lápis endiabrado**: Andreino Cotta e a caricatura em Belém nos anos 20. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da

Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2 ed. Lisboa: Difel: Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a Cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920**. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **O Feminismo**. Recife, 10 ago. 1927.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Mademoiselle Juliette Brille**. Recife, 18 set. 1927. FUNDAJ.

ESTADO DO PARÁ. **A moda e o ba-ta-clan**. Belém, 8 jun. 1924, p. 1.

FREYRE, Gilberto. Diário de Pernambuco. 11/05/1924. In: **Tempo de Aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor. (1918-1926)**. Vol. 2. São Paulo: Ibrasa, 1979. p. 16/17.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MACENA, Fabiana Francisca. **Madames, mademoiselles, melindrosas: “feminino e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914)**. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em História, Instituto de Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do mundo feminino”. In: **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 372.

MARTÍN, Marcia Castillo. **Las Convidadas de Papel: mujer, memória y literatura en la España de los años veinte**. Madrid: Ayuntamiento de Alcalá de Henares, 2001.

MORAES, Eneida de. Da cidade majestosa, **A Semana: revista ilustrada**. Belém, 15 jan. 1927.

REVISTA MASCOTE. Ano 1, nº.1. Recife, 1924. Biblioteca Pública Estadual (BPE).

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des) Encantos Modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: Fundarpe, 1999.

SETTE, Mario. “O carro de boi”. In: **Anquinhas e Bernardas**. Recife: FCCR, 1987.

STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RECEBIDO EM: 28/01/2021
PARECER DADO EM: 24/03/2021